

SEMINÁRIO “7º PROGRAMA-QUADRO – OPORTUNIDADES PARA PME”

7 de Maio de 2009 - 14h30 Alfândega do Porto, Porto

TÓPICOS PARA UMA INTRODUÇÃO

Prof. Doutor Luís Valente de Oliveira
AEP - Associação Empresarial de Portugal

- Não é muito antiga a valorização do saber útil como atitude corrente na comunidade científica. Pensava-se que os dinheiros públicos orientados para a investigação deveriam apoiar os investigadores a quem se reconhecia o direito de definir o campo em que exercitavam a sua criatividade e aplicavam o seu saber.
- Essa postura foi progressivamente posta em causa. Eram correntes discussões intermináveis opondo os méritos da “ciência pura” contra as limitações da “ciência aplicada”. Hoje consideramos que o que importa é haver “aplicações da ciência” que exigem muitas vezes o avanço em domínios mais teóricos do que aplicados mas a maior parte de nós considera igualmente respeitáveis as aplicações e os aprofundamentos teóricos que elas reclamam.

- **O fulcro das preocupações está hoje na condução dos novos conhecimentos adquiridos até aos utilizadores que, através deles, criem riqueza e, por essa via, permitam gerar excedentes que alimentem uma cadeia virtuosa que tenha como fito melhorar o bem-estar dos homens na multiplicidade das necessidades que eles têm.**
- **As grandes unidades de produção comandam a geração dos conhecimentos de que necessitam, para progredir e para se afirmarem no mercado. Fazem-no internamente ou pela celebração de contratos, da mais variada amplitude e profundidade, com universidades ou com centros de pesquisa. Elas sabem muito bem qual é o valor dos novos conhecimentos e aplicam-se a fomentar o seu aparecimento, a sua protecção, a sua aplicação e o seu aprofundamento.**
- **As pequenas e mesmo as médias empresas têm maiores dificuldades na mobilização dos novos conhecimentos e, salvo os casos das unidades que surgiram precisamente para explorar as potencialidades de uma nova tecnologia ou de um novo produto, revelam, correntemente, uma apreciação menor pela geração desses conhecimentos e pela sua exploração económica.**

- **Ora, sem inovação constante não se garante a permanência no mercado e, afinal, a sobrevivência da própria empresa. Temos todos de nos aplicar no estabelecimento de relações fluidas entre quem produz novos conhecimentos e quem é capaz de os aplicar se, como referi anteriormente, não se estiver em face de unidades que tenham brotado exactamente da fusão das duas funções.**
- **Mas, para facilitar a relação entre os dois mundos, é preciso que eles se conheçam um ao outro. Isso só pode suceder se eles aprenderem a conviverem, sem complexos, um com o outro e se se generalizar a preocupação da inovação permanente.**
- **Não é necessário que surjam, todos os dias, inovações radicais e se passe a produzir um produto totalmente novo ou se adopte uma tecnologia até então desconhecida. Para que um ou outro surjam é preciso criar um caldo de cultura propício que assenta na inovação incremental como preocupação permanente.**
- **As universidades, as associações empresariais, as empresas, os poderes públicos, os órgãos de comunicação social ... todos devem sentir como sua obrigação estabelecer pontes entre quem é capaz de inovar e quem aplica na prática os novos conhecimentos. Isso será mais fácil se houver um clima geral de valorização social da inovação e de prémio sistemático daqueles que têm a iniciativa de**

tirar resultados económicos dos conhecimentos que gerarem ou a que têm acesso.

- **Neste campo não são as unidades grandes que devem preocupar os agentes que referi. Elas sabem muito bem como proceder. São as PME que nos devem merecer a maior atenção porque, por um lado, elas têm maior dificuldade em fazê-lo mas, por outro lado, são as que criam maior volume de emprego, são as mais versáteis e são as que representam o mais eficaz instrumento de distribuição e de acesso generalizado ao bem-estar por parte da maior parte da população. Por isso, o tema desta tarde é tão importante.**